

História de um garoto – 'como me tornei assim', de Evguéni Kharitónov – tradução seguida de comentário

Yuri Martins de Oliveira†

†Yuri Martins de Oliveira é mestre em Letras (Literatura e Cultura Russa pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, na Universidade de São Paulo (FFLCH/USP). E-mail para contato: yuri.martinsz@gmail.com.

Resumo: O presente artigo apresenta a primeira tradução para o português do Brasil do conto “História de um garoto – ‘Como me tornei assim’”, de Evguéni Vladímirovitch Kharitónov (1941-1981), parte da coletânea *Em prisão domiciliar* (2005). A tradução é seguida de uma introdução a respeito do escritor e uma breve análise do enredo do conto. Escrito, provavelmente, no final dos anos 1970, o texto chama a atenção por tratar da homossexualidade masculina abertamente, em um momento em que o código penal da União Soviética ainda previa a prisão de homens que praticassem sexo com outros homens.

Palavras-chave: Literatura soviética; literatura homoerótica; Kharitónov.

“História de um Garoto - ‘Como me tornei assim’”¹

E. V. Kharitónov

“Então, no 8 de março eu fui pra Moscou (de Ij-sk). E foi lá que descobri. Não, mas antes disso teve a história com aquele Artista do Povo². Ele foi no nosso colégio, pediu pra gente ir até a casa dele posar. Bom, depois foi começando a falar daquelas coisas, tudo tão delicadamente, e, o mais importante, a relação de professor e aluno, ele me revelou muito sobre arte, disse que isso deveria ser o principal para mim, e que todas as distrações eram um pântano, antes de tudo eu precisava praticar, me tornar um artista. Quase tudo entre nós era puro, é, e eu talvez ficasse com nojo de ficar ele, ele tinha 60 anos, eu só o respeitava como pessoa. Ele me ensinou muita coisa boa. Na cama a gente ficava mais assim deitados, ele só gostava de me acariciar, de ficar me admirando, admirando minha figura, dizia que eu era tudo para ele nesta vida, era filho, era esposa, era amigo, era aluno. Ele tinha família, esposa e uma filha. Depois ele me mandou para Moscou no feriado (8 de março) para ver os museus, as exposições, me deu o endereço de um amigo dele, também um ex-artista, mas não desses com família. E foi em Moscou que descobri: no aeroporto em Bykovo fui ao banheiro, estava tudo ali escrito, dê uma olhada no buraco tal e lá um fulano me chamou com o dedo, me fez um boquete pelo buraco.”

– E como você descobriu que é no centro que eles se reúnem? –

“Então, foi esse daí que me falou e sugeriu que a gente se encontrasse. Eu não encontrei com ele, mas naqueles dias fui me encontrando com uns outros, e foi assim que descobri tudo. É, bastava eu aparecer e todos se aproximavam, com este eu não vou, com aquele não vou, ficava olhando para ver de quem gostava.”

– Mas e antes, quando criança, alguma coisa aconteceu, algum colega de escola, talvez, assim, de brincadeira? –

“Sim, tinha um amigo, a gente batia punheta um para o outro.”

– Com frequência? –

¹ Traduzido a partir de “*Рассказ одного мальчика – «как я стал таким»*”. In: KHARITÓNOV, Evguéni. *Под домашним арестом [Em prisão domiciliar]*. 2ª edição. Moscou: Glagol, 2005, pp. 288-293.

² Título honorífico oferecido aos artistas plásticos da URSS, instituído em 1943 (Nota da Edição).

“Sim, era só não ter ninguém por perto que a gente ia lá e fazia. Mas era só bater punheta mesmo, nada mais.”

- E mulheres? Já teve? -

“Mas é claro, claro que tive.”

- E porque não namorar uma? -

“Ah, elas são todas assim meio bobas, eu nunca tive uma namorada, e para quê, para ficar passeando com ela, levar até em casa, ficar falando sei lá do quê, não tem graça. Elas não têm pressa de dormir, precisam mais de amor e de ficar passeando por aí. Ah, teve um caso isolado, é, um que eu gostei muito. Foi no *kolkhoz*³ com uma lá, fiquei marcando no relógio: trepei com ela uma hora e dez minutos, como um experimento, ficava regulando, sentia que já ia terminar e aí então ficava segurando, ela já estava acabada.”

- E você gosta mais de fazer com mulher ou com homem? -

“Ah, com mulheres, é claro, ali dentro delas tudo te envolve, é bom, está sempre molhadinho.”

Porém, aos poucos, ele foi contando mais, tanto sobre aqueles dias em Moscou quanto sobre todos os seus relacionamentos.

“Bom, para dizer bem a verdade, não foi em Moscou que tudo começou, em Bykovo; nem com o tal do artista. Foi quando eu estive num passeio em Kírov, fui ao banheiro, e lá estava escrito vá para o outro banheiro na rua tal. E eu fui.”

- E não teve medo, não teve nojo? -

“Ninguém me conhecia na cidade, eu não conhecia ninguém. E à noite tinha de ir embora. Pois então, lá estava um cara horroroso, ainda jovem, é verdade, de óculos, com uns lábios grandes. Ele me sugeriu entrar na cabine com ele, tinha duas cabines diferentes ali, ele me chamou assim com um dedo e me chupou. Ah! E lá dentro era melhor do que em uma buceta, ainda mais molhadinho. A boca dele tão grande, os dentes nem arranhavam, tudo

³ Abreviatura de *коллективное хозяйство* (“unidade de produção coletiva”), as fazendas coletivas da União Soviética. Era comum que grupos de estudantes, professores e trabalhadores das cidades passassem uma temporada nos *kolkhozes*, durante suas férias, trabalhando no campo. Também chamado de “colcoz” em português (Nota do Tradutor).

macio. Eu estava em êxtase. E ele estava tão maravilhado, disse – o seu é dos grandes! Vamos nos encontrar de novo! Eu digo não, não posso, vou embora hoje; ele diz quando vier de novo nos vemos, vou te esperar. Mas ele era tão feio, aqueles lábios grossos, aquele bocão. E foi assim, aí quando cheguei de volta em Ij-sk comecei a procurar gente desse tipo.”

– E onde os encontrava? –

“Ah, nesses mesmos lugares, na estação de trem. Mas todos eles eram horríveis, não tinha nenhum cara assim mais novo, simpático, todos zombavam uns dos outros, cada um tinha um apelido, uma era Julieta, a outra Jacqueline ou algo assim, uma chamava Freirinha, ela antes trabalhava numa igreja, foi corrompendo todos por lá, um por um. Mas então, o Artista do Povo. Quando ele veio visitar nosso colégio, eu já sabia de tudo isso. E entendi de cara do que se tratava quando ele insistiu pra ir na casa dele. Ele, enquanto eu estava posando, começou logo com umas conversas sobre essas coisas. Me tocava de leve e dizia que equipamento temos aqui, hein. Isso foi no ateliê dele. Depois fomos pra um segundo quartinho, lá tinha uma cadeirinha de frente pra um sofá com algumas bebidas. Depois, ele pediu para ficar deitado com ele, tocava meu membro, dizia as mulheres todas vão perder a cabeça, me acariciava. Mas para mim, claro, não era agradável ficar com ele na cama, era velho, mas de resto, como pessoa, outra coisa, ele fez muito por mim, a gente tinha uma amizade acima de tudo. Eu, claro, respeitava ele. Ele dizia ah, eu daria pra você com prazer, mas o meu orifício é muito estreito, não passa. Ele me chupava, era mais para me agradar, chupava pouco, não sabia fazer como aquele do bocão fazia. E dizia nunca nesta vida conte pra alguém que você vem me visitar, e muito menos que fica posando. Ele me deu um retrato meu de presente, pediu pra não mostrar pra ninguém, depois disse quando você terminar de estudar, quando tiver se tornado um artista, depois você mostra, eu mesmo direi foi aluno meu, mas agora não pode, eu teria que cometer suicídio, iam me expulsar de todos os lugares, eu tenho tantos inimigos! No dia 8 de março eu decidi ir pela primeira vez pra Moscou, ele me disse pra ir nuns museus, deu o endereço, aí fui parar no centro e ali aconteceu o encontro mais importante: na última noite um tal de Micha⁴ se aproximou, bonito, de bigodinho, eu gostei dele de cara mais do que os outros e nós fomos para casa dele. Ele morava num apartamento com a irmã e o marido, eles não estavam em casa. Nós fomos juntos pro banheiro, ele me lambuzou assim por trás, me fodeu. E eu gostava tanto dele, essa foi uma vez que eu mesmo queria chupar. Mas não chupei! Não tinha vontade de me separar dele! Por pura sorte a irmã e o marido não voltaram para casa naquela noite e nós dormimos juntos a noite toda. Só que no dia seguinte eu precisava ir embora, não consegui me separar dele até o último momento. De algum jeito consegui chegar a tempo

⁴ Diminutivo do nome Mikhail, forma russa de Miguel (N.T.).

pro voo. Depois disso, não conseguia pensar em mais nada, só tinha espaço para ele na minha cabeça. Lá na cidade tinha começado a primavera, eu andava pela cidade, procurava alguém parecido com ele, mas não tinha ninguém. Escrevemos um pro outro. Eu estava esperando pelo Primeiro de Maio pra ir outra vez a Moscou. Conteí tudo ao professor, mas ele me disse que isso não era bom, que eu deveria estudar e pensar só nos estudos, e que essas aventuras eram um pântano, tragavam a gente. Ele me dissuadiu, não me deixou ir a Moscou. Eu escrevi pro Micha dizendo que não iria. Desde então eu não recebi nenhuma carta dele. E escrevi também àquele meu amigo Sacha⁵, aquele que batia punheta pra mim quando a gente estava na escola ainda, a gente precisa se ver, eu tenho uma coisa para contar! E que coisa! É sobre minha ida a Moscou, você vai perder o fôlego, venha logo pelo amor de Deus, não posso escrever tudo para você. E assim, em vez de ir para Moscou no Primeiro de Maio, eu obedeci o artista e fui para casa no campo e me encontrei com Sacha, aquele meu amigo de escola. Ele ouviu e começou logo a gemer, depois preparou a sauna e disse – faça comigo tudo que fizeram com você em Moscou! E lá até me chuparam, e aí, eu ia ter que fazer isso também? Aquele pau torto dele meio azulado na ponta desde criança já tinha me enchido. Bom, aí eu tive de fazer, por pouco não vomitei. Essa foi a única vez, depois nunca mais, com ninguém! Ele é um mimado, fica o tempo todo em casa, adora ler livros de História, tudo sobre a Rus⁶, não lê nada que venha da Europa, um patriota, e só ouve música clássica, essas músicas populares, desses grupos assim, disso ele não gosta, só há pouco tempo começou a ouvir e só um pouquinho. E que grande amigo ele é, os amigos a gente conhece na hora do aperto, mas com ele era só quando tinha alguma coisa que achasse interessante, a gente foi, por exemplo, teve uma vez quando, na época da escola, fomos juntos dançar, e lá as menininhas todas me chamavam, assim todas de uma vez, e os namorados começaram a me ameaçar pra eu ir embora. Eu não queria parecer um covarde, fiquei dançando mais um pouco. Daí eles me arrastaram para um canto e arreventaram meu lábio. E o Sacha ficou me falando vamos, vamos embora daqui, não ficou comigo, teve medo. Olha só que tipo de amigo ele é.”

Nos feriados de novembro, eu mesmo fui a Ijiévsk e vi todos, o Artista do Povo, e depois o Sacha. Combinei com Serioja⁷ (“Como me tornei assim”), que ele o convidaria, quando eu chegasse. O Artista do Povo não era nenhum velhinho, como se pintou no conto de Serioja. Nem novo nem velho, formado depois da guerra. E o ateliê não era um porão, como de costume também se imaginava. Uma sala grande, muito limpa, sem migalhas, em uma casa

⁵ Diminutivo de Aleksandr, forma russa de Alexandre (N.T.).

⁶ Termo usado desde a Idade Média para designar os territórios ocupados pelos eslavos orientais (atualmente Rússia, Ucrânia, Bielorrússia, e parte da Polônia e da Eslováquia). Entre as maiores cidades, destacava-se Kiev, atual capital ucraniana (N.T.).

⁷ Diminutivo do nome Serguei, forma russa de Sérgio (N.T.).

nova. Os quadros, como aqueles teriam em um Palácio da Cultura⁸. E o Artista era tão quieto, educado, como se seu nome não fosse entrar para história. Mas não seria mal se algum novo *gangster*, vindo tomar o lugar dele, o difamasse publicamente junto ao conselho, escrevesse para *O Crocodilo*⁹, destruísse, arruinasse tudo para ele e o reduzisse à miséria. Aí então, pode ser, teríamos um verdadeiro Artista do Povo.

E então o Sacha chegou para a festa. Foi assim: Serioja e Sacha, lado a lado. Serioja, “como me tornei assim”, tinha um vento gostoso e brincalhão na cabeça, ele é bailarino, e os camaradas da moradia estudantil sentem que há alguma coisa nele que não é como neles e o amam por causa disso, até dão trela inconscientemente. Já Sacha está acostumado a ficar em casa lendo sobre a Rus e sobre a Igreja, fica sempre ali sentado. Esperando algo cair do céu. Quando ele teve a certeza de que um fulano vinha de Moscou visitar Serioja, veio para cá. E ficou esperando para ver no que ia dar. Por enquanto fica na dele. Acho que está com o coração na mão. Mas não deixa transparecer. Já na cama, ele seria tão obediente, terno. Tão magrinho, caloroso, juvenzinho. Ia gostar de tudo que fizessem com ele. Me tocando com uma mão tímida por baixo do meu saco. Isso se eu mesmo o pegasse pela mão. Mas ele, em todo caso, não toma nenhuma iniciativa.

Eu teria um vaticínio sobre o seu caminho. Ele precisa mesmo, de verdade, ir para Igreja. Todos seus caminhos convergem para lá. Porque ele nem conseguiria prestar a sua tão amada história em algum instituto, o que ele sabe é só a antiguidade russa, e bem mais ou menos. Vejam só que estreiteza admirável. Que dom é gostar só de uma coisa e não olhar para o outro lado. E a constituição de sua inteligência é submissa, sem criatividade. Lembra o que aconteceu quando, quem se chamava como, quem era de qual patente. Mas isso é bom! E de alguma forma, incrivelmente agradável. Assim ele não se tornará um seminarista-herético, um Floriênski¹⁰ de ideias arrogantes. Será apenas um bom *bátiuchka*¹¹ obediente. Serioja diz – até parece que ele vai contra o pai e a mãe (o pai do Sacha é chefe de base num *kolkhoz*, a mãe é professora de escola); para eles isso seria uma vergonha. Ai, não, Serioja. Sacha só precisa se encher de paciência, explicar aos pais como são as coisas. Que, dizem, a propaganda antirreligiosa é só uma propaganda, e de toda forma a Igreja,

⁸ Espécie de Centro Cultural na União Soviética. Nos Palácios de Cultura se organizavam exposições diversas, espetáculos musicais e estúdios de artes (N.T.).

⁹ Jornal satírico publicado mensalmente na União Soviética. Publicado pela primeira vez em 1922, o jornal saiu de circulação em 2008 (N.E.).

¹⁰ Pável Aleksándrovitch Floriênski (1882-1937). Filósofo religioso, matemático, engenheiro, e também sacerdote ortodoxo. Envolveu-se em polêmicas com a Igreja Ortodoxa devido a suas ideias, especialmente aquelas relacionadas à homossexualidade. Exilado em Níjni Nóvgorod em 1928, Floriênski foi posteriormente acusado de envolver-se em conspirações nazistas e enviado a um campo de trabalho na Sibéria, onde foi executado em 1937 – durante o Grande Expurgo. Sua obra foi proibida e só voltou a circular, em pequenas tiragens, graças os teóricos da Escola de Tártu, na década de 1970 (N.T.).

¹¹ Forma polida de dirigir-se aos sacerdotes ortodoxos. Literalmente, “paizinho” (N.T.).

mesmo no ponto de vista soviético, é respeitada, dentro dela também há patentes e promoções pelo trabalho. Dizem que Briéjnev¹², antes do feriado, condecorou o patriarca e os metropolitas. Entre as velhas da aldeia deles já há tempos circula o boato de que Sacha vai ser pope, que vive juntando livros antigos, crucifixos. E como combina com ele ser pope! Ele tem uns olhos expressivos, sobrancelhas longas e negras, uns labiozinhos vivos; uma barbinha ia lhe cair bem. Ele só precisa empregar todas as forças, ir para Zagorsk¹³. É lá que está a sua felicidade. Entre os seminaristas, claro, deve florescer a pederastia, como em toda igreja, de modo geral, sem falar nos monastérios. Pois é, se um menino se esconde dos outros num cantinho, não brinca com eles de guerra, se um menino se ocupa de si mesmo com sonhos não sobre a guerra, nem sobre automóveis, mas sobre santos celibatários, molduras enfeitadas dos ícones, esse menino é, como disse Rózanov, um homem-donzela¹⁴. Ele descobrirá na pacificidade dos santos a sua própria pacificidade, e ficará feliz que haja uma moral, que coloca isso tão alto. Mas existe para Sacha um segundo caminho, fora da igreja.

Serioja, do mesmo jeito que contou para mim, contou também ao Artista do Povo a respeito do Sacha. E aquele começou a querer saber quando é que Sacha chega? Você tem que trazê-lo aqui sem falta, eu vou colocá-lo na faculdade de História, tenho contatos lá. Por sua vez, o Sacha também estava enchendo o Serioja – por que é que você não bate uma para o Artista do Povo, ele tem tantos contatos, pode te ajudar na vida. Ou seja, para o Artista do Povo, Sacha seria um achado. O artista tinha tanta vontade de ter um menino assim secreto, constante, que não fosse muito saidinho. E o Sacha ficaria satisfeito em ser devoto ao velho. Mas se ele se formasse em História; depois viriam as Ciências Sociais, o Partido; o artista iria casá-lo para encobrir suas relações, e tudo ficaria em seu devido lugar, ao gosto medíocre de um Artista do Povo. Não há necessidade que Serioja os apresente! Deixe que ele vá para igreja. E nós colocamos no mapa da URSS uma cruzinha, marcando o lugar onde está servindo um jovem popezinho, conhecido nosso.

¹² Leonid Ilítch Briéjnev (1906-1982). Secretário-Geral do Partido Comunista de outubro de 1964 até sua morte, em novembro de 1982. Seu governo foi marcado por medidas conservadoras e pela reabilitação da figura de Stálin, bastante balanceada pelo governo de Nikita Khruchtchov (1958-1964). Os anos de seu governo são comumente conhecidos como Era da Estagnação, marcados pelo lento desenvolvimento econômico e social da União Soviética (N.T.).

¹³ Nome dado à cidade de Siérguiev Possád entre 1930 e 1992. O Mosteiro da Trindade e São Sérgio (*Троице-Сергиева лавра*), situado em Siérguiev Possád e fundado em 1345, é considerado o centro espiritual da Ortodoxia Russa. O Mosteiro abriga, ainda, a Academia Espiritual e o Seminário da Igreja Russa Ortodoxa, instituições que preparam os futuros sacerdotes e monges (N.E.).

¹⁴ Termo retirado do livro de Vassíli Vassílievitch Rózanov (1856-1919) *As pessoas da luz lunar: A metafísica da cristianismo* [Люди лунного света. Метафизика христианства] (São Petersburgo, 1913), no qual por “homem-donzela” (*муж-девство*) entende-se “o semi-homossexualismo ou a semi-sodomia, sendo chamado de outra forma, levando em consideração a ausência das relações físicas, de sodomia espiritual ou de homossexualismo espiritual” (p.98, grifos de Rózanov) (N.E.).

Comentário a respeito do conto

Nascido na cidade siberiana de Novossibirsk, em 1941, Evguéni Vladímirovitch Kharitónov mudou-se, aos dezenove anos, para Moscou, com a intenção de ingressar no Instituto de Cinematografia Guerássimov (VGIK, na sigla em russo), um dos mais tradicionais de Moscou. Formado ator por esse instituto, chegou a fazer pequenas aparições em alguns filmes nos anos 1960, passando depois a se dedicar ao trabalho como diretor de teatro e, mais tarde, como professor de pantomima, no próprio VGIK. Paralelamente à sua carreira teatral e acadêmica, Kharitónov dedicou-se à literatura, tendo alguns poucos textos publicados em *samizdat* nos anos 1970.

Pouco antes de morrer, em 1981, o escritor datilografou alguns de seus textos, em prosa e em verso, e os organizou em uma coletânea intitulada *Em prisão domiciliar (Под домашним арестом)*, que só viria a ser publicada na Rússia em 1993, no primeiro volume de uma série intitulada *O pranto nas flores (Слёзы на цветах)*. Organizada por Iaroslav Mogútín, essa série conta com outros textos de Kharitónov, incluindo textos acadêmicos como sua dissertação de mestrado, e também depoimentos de amigos do escritor a respeito de sua vida e obra¹⁵.

Além de não fazer parte de nenhuma associação oficial de escritores, a temática da homossexualidade masculina, presente em grande parte dos textos de Kharitónov, certamente pesava contra o escritor. Mais do que um tabu da sociedade soviética, a relação sexual entre dois homens era considerada crime pelo código penal da URSS. O Artigo 121, instituído em 1933, punia a assim chamada “pederastia”¹⁶ com a privação da liberdade por um período de até cinco anos, em prisões ou em campos de trabalho¹⁷. Levando isso em conta, é bastante surpreendente que Kharitónov tenha se arriscado a escrever sobre o tema de maneira tão aberta, sem nem criar algum pseudônimo que pudesse preservar, em alguma medida, sua identidade.

Os primeiros versos de Kharitónov foram escritos ainda no começo dos anos 1960, pouco depois de sua chegada a Moscou para estudar, e não tocam no tema da homossexualidade. Mais tarde, nos anos 1970, o escritor “renega” esses versos, considerando-os ainda muito ligados à “tradição” lírica de poetas como Iunna Morits (n.1937), Iúri Riachentsev (n.1931) e Arsiéni Tarkóvski (1907-1989)¹⁸. Já no fim dos anos 1960, é possível notar nos poemas de Kharitónov experimentações fonéticas e espaciais que

¹⁵ MOGÚTIN, Ia. (org.). *Слёзы на цветах [Pranto por sobre as flores]*. Moscou: Glagol, 1993. 2 v.

¹⁶ O termo, em russo, é “мужеложство”, palavra de origem eslava, usada em contextos jurídicos e religiosos, que não se confunde com a pederastia grega (“педерастия”, em russo).

¹⁷ GESSEN, M. *Права гомосексуалов и лесбиянок в Российской Федерации [Os direitos dos homossexuais e lésbicas na Federação Russa]*. San Francisco: MGPCHGL, 1994, p.09).

¹⁸ KHARITÓNOV, E. *Из стихов до 1969 года [Dos versos até o ano de 1969]*. In: DARK, O. “Евгений Харитонов. Москва-Новосибирск и обратно” [“Evguéni Kharitónov. Moscou-Novosibirsk e de volta”]. RISK: Al'manakh, 2002.

lembram a poesia de vanguarda do começo do século XX, como o cubofuturista e até mesmo a linguagem *zaúm* – embora não seja possível precisar de que maneira o escritor teria tido contato com textos dessas escolas, que estavam proibidos na União Soviética. Exemplos dessas influências podem ser encontrados, principalmente, nos poemas da série “Romance” («Роман») ¹⁹ e “Sonhos e sons” («Мечты и звуки») ²⁰.

O ano de 1969 é considerado um “marco” no fazer literário de Kharitónov, pela crítica e pelo próprio escritor: foi naquele ano que ele escreveu seu primeiro texto em prosa²¹, o conto “O forno” («Духовка») ²², no qual o escritor apresenta, pela primeira vez, a temática da homossexualidade, de forma ainda bastante alusiva. Espécie de “Morte em Veneza kharitonoviana” ²³, o conto é narrado em primeira pessoa por um homem adulto que, durante suas férias numa colônia não muito distante de Moscou, conhece e parece apaixonar-se por um rapaz de dezesseis anos, de nome Micha. Toda a história se desenrola nas tentativas do narrador de se aproximar desse jovem, e sua constante preocupação em não despertar suspeitas sobre suas reais intenções. No que diz respeito à forma de escrita, o conto já apresenta algumas características que se tornarão marcantes em suas obras posteriores, como a presença constante de fluxos de consciência e o discurso indireto-livre.

Do ponto de vista temático, predominam na obra de Kharitónov, como dito, a vivência e as relações homossexuais masculinas, embora haja também poemas e fragmentos em prosa com reflexões sobre o fazer do escritor e seu papel na sociedade, como alguns dos textos das séries “O russo abstêmio” («Непьющий русский») ²⁴ e “O pranto nas flores” («Слёзы на цветах») ²⁵, ou ainda o conto “Escritores impublicáveis” («Непечатные писатели») ²⁶. Há ainda contos e poemas que tratam da vida cotidiana da URSS, especialmente situações relacionadas à famosa burocracia soviética, como os contos “A compra de um espirômetro” («Покупка спирометра») ²⁷ e “Um morador escreveu um requerimento” («Жилец написал заявление») ²⁸, em que ações aparentemente simples como a compra de um aparelho que mede o volume de ar dos pulmões ou a troca de um assoalho demoram dias, por conta da demanda de documentos ou falta de funcionários.

¹⁹ KHARITÓNOV, E. *Под домашним арестом* [Em prisão domiciliar]. 2ª edição. Moscou: Glagol, 2005, pp.141-219.

²⁰ *Ibid.*, pp.315-320.

²¹ Em verdade, o primeiro texto em prosa de Kharitónov é “Naqueles dias havia pouca gente na praia...” («В те дни на пляжу было много народу...»), datado de 1962. Este texto, porém, parece estar inacabado.

²² KHARITÓNOV, E. *Op. cit.*, p.21-43.

²³ TIMOFÉIEVSKI, A. «Цветы-кактус» (“Flores de cactus”). KHARITÓNOV, E. *Слёзы на цветах* [Pranto por sobre as flores]. Moscou: Glagol, 1993, v.2, p.180.

²⁴ KHARITÓNOV, E. *Op. cit.*, p.265-287.

²⁵ *Ibid.*, p.294-311.

²⁶ *Ibid.*, p.334-335.

²⁷ *Ibid.*, p.126-128.

²⁸ *Ibid.*, p.116-118. Uma versão traduzida deste conto pode ser lida em KHARITÓNOV, Evguéni. “Um morador escreveu um requerimento” e “Traição 80 – Antiutopia”. Trad. Yuri Martins de Oliveira. *Cadernos de Literatura em Tradução*, n.20, 2018, pp.63-78.

Nos textos em que figuram as relações homossexuais, há diferentes formas de abordar o tema. Em alguns de seus escritos, há um tom melancólico, em que predominam os sentimentos de inadequação, abandono e solidão. Essa melancolia, às vezes, é colocada de maneira realmente sincera, como no já citado conto “O forno”, outras vezes, porém, coloca-se de forma algo patética na narrativa, como nos contos “Aliocha Serioja” («Алёша Серёжа») ²⁹ e sua “continuação” “A, R., eu” («А., Р., Я») ³⁰, nos quais o narrador se envolve em triângulos amorosos e termina sozinho. Por outro lado, há também textos com um tom mais irônico e passagens bastante “apimentadas”, como é o caso do conto “Um assim, o outro assado” («Один такой, другой другой») ³¹, um enredo absurdo em que um jovem auxiliar de mecânico rouba uma miniatura de brinquedo de um dos clientes e foge por uma passagem subterrânea até chegar ao apartamento de um homem que é o seu sócio, tomando seu lugar e “herdando” não só o apartamento, mas também seu relacionamento com um jovem ator, do fragmento em prosa “Sem cueca. Romance” («Без трусов. Роман») ³², o poema narrativo “Romance em versos” («Роман в стихах») ³³ – que, na verdade, combina passagens melancólicas, jocosas e sensuais –, além de “A história de um garoto”, que lemos acima.

Ambientando na União Soviética do final dos anos 1970, sob o regime estagnado de Leonid Briéjnev³⁴, o conto é construído em forma de uma entrevista, e nos apresenta Serioja, um jovem bailarino que conta ao entrevistador-narrador suas experiências sexuais, desde os fins de sua adolescência. O conto é dividido em três partes: as duas primeiras são partes da “entrevista” em que Serioja responde a algumas perguntas, por vezes repetindo certas informações e modificando-as; já a terceira parte é uma “narrativa de fato”, na qual o “entrevistador”, visitando Serioja em sua cidade natal, torna-se o narrador e nos conta suas impressões a respeito das personagens que conhece.

De início, Serioja afirma que sua primeira experiência com alguém do mesmo sexo acontecera ainda no colégio, quando um Artista do Povo esteve visitando sua turma e pediu para que alguns dos garotos fossem até seu apartamento posar para ele. Nessa passagem, o termo traduzido como “colégio” é, em russo, “ulísche”, que se refere, mais precisamente, a uma unidade de ensino técnico ou profissionalizante muito comum na União Soviética. Havia unidades voltadas ao teatro e às artes plásticas, como parece ser o caso do colégio de Serioja, que recebe a visita de um artista laureado pelo regime à procura de modelos-

²⁹*Ibid.*, pp.104-106.

³⁰*Ibid.*, pp.119-125.

³¹*Ibid.*, pp.93-98.

³²*Ibid.*, pp.309-310.

³³ *Ibid.*, pp.129-140.

³⁴ Gliéb Moréiev, comentador da obra de Kharitónov, aponta que, ao mencionar que “Briéjnev antes do feriado condecorou o patriarca e os metropolitas”, o escritor alude a certos sinais de deferência, por parte do governo da União Soviética, em relação à Igreja Ortodoxa. Entre esses sinais destacam-se as condecorações outorgadas ao patriarca de Moscou, Pemenio I (1910-1990) e a alguns metropolitas, entre 1977 e 1980 (KHARITÓNOV, 2005, p.530).

aprendizes. Mais adiante no conto, o jovem relata que o Artista do Povo lhe ensinou muito sobre arte, e, na terceira parte, o narrador diz que Serioja é bailarino, o que parece corroborar a hipótese de que, desde a adolescência, o rapaz procurou atividades voltadas para as artes e fez disso sua formação profissional.

Seguindo seu relato, Serioja diz que, assim que chegou ao apartamento do Artista, este logo começa a lhe falar “daquelas coisas”, porém de maneira muito sutil, delicada e, principalmente, mantendo uma relação de “professor e aluno”. O Artista do Povo também dá alguns conselhos ao jovem, dizendo que, nessa idade, o mais importante é praticar e estudar muito para se tornar um verdadeiro artista, evitando todo tipo de “distração”, que seriam um “pântano” para o jovem. O rapaz afirma que havia um respeito mútuo entre os dois e “quase tudo” entre eles era “puro”: os dois apenas se deitavam juntos, e o professor gostava de ficar admirando o jovem, tocando-lhe de leve. Ao mesmo tempo, porém, Serioja diz que teria “nojo” de manter relações sexuais com ele, um “velho” de 60 anos, transparecendo que nem tudo naquela aproximação era assim tão respeitoso e “puro”.

Em um primeiro momento, entendemos que é graças ao Artista do Povo que Serioja tem a oportunidade de viajar para Moscou, de avião, para visitar algumas das principais galerias da cidade. Ao entrar em um dos banheiros do aeroporto regional de Bykovo, o rapaz se depara com um escrito na parede que dizia “dê uma olhada no buraco tal”. Seguindo esse comando, Serioja muda de cabine e acaba recebendo um “boquete” de um desconhecido. E, segundo o próprio rapaz, foi assim que ele “descobriu” sua homossexualidade.

Num segundo momento, porém, Serioja reformula suas experiências e diz que mesmo antes de conhecer o Artista do Povo já havia tido experiências sexuais com outros rapazes. A primeira vez havia sido quando visitava a cidade de Kírov, a nordeste de Moscou. Lá, ele conheceu “um cara horroroso, ainda jovem”, “de óculos, com uns lábios grandes” que lhe fez um “boquete” em uma cabine de um banheiro público. Embora tenha achado o rapaz “horroroso”, Serioja admite ter achado experiência em si muito prazerosa. De volta à sua cidade natal, Ijiévsk, na região dos Urais, o jovem começa a procurar pessoas “como ele”, passando então a frequentar banheiros públicos. Preferencialmente, Serioja vai à na estação de trem, onde poderia encontrar alguém totalmente desconhecido, de passagem e vindo de longe.

Em sua cidade, porém, Serioja não encontra ninguém que lhe agrade, só “caras horríveis”, nenhum deles “novo, simpático”. Entrando em contato com esse grupo de “frequentadores de banheiros públicos”, o jovem se depara com suas brincadeiras e zombarias: “cada um tinha um apelido, uma era Julieta, a outra Jacqueline ou algo assim, uma chamava Freirinha, ela antes trabalhava numa igreja, foi corrompendo todos lá, um por um” – o que também parece não lhe agradar. Assim sendo, quando, por fim, o Artista

do Povo apareceu em seu colégio, Serioja já conhecia bem esse “mundo homossexual” e soube, logo de início, quais eram as suas intenções.

Depois dessa reformulação, o perfil do Artista do Povo e o caráter de seu relacionamento com Serioja mudam: se em um primeiro momento tudo era “puro” e “respeitoso”, agora Serioja diz que o Artista o tocava enquanto posava e dizia coisas como “que equipamento temos aqui, hein”. Depois de posar, os dois não ficavam só deitados um ao lado do outro, o rapaz afirma que o Artista, na impossibilidade de fazer o papel de passivo em uma possível relação sexual – devido a seu “orifício muito estreito” –, apenas o “chupava”, e ainda completa ele fazia isso “mais para me agradar, chupava pouco, não sabia fazer como aquele do bocão [o rapaz que Serioja conhecera em Kírov] fazia”. Nesses momentos de intimidade, o Artista não se mostra tão tranquilo e profissional como parecera à primeira vista, pedindo ao jovem que nunca contasse a ninguém o que se passava entre eles. “Tenho tantos inimigos!”, ele diz.

Na segunda parte da “entrevista”, em que Serioja vai “aos poucos, contando mais” a seu respeito, ele muda outro detalhe de seu relato: não foi o Artista do Povo que o enviou a Moscou, mas ele mesmo que decidiu ir, contando, claro, com seu apoio e suas indicações a respeito de museus e galerias para visitar. A capital representa um marco na história de Serioja não por ser o lugar onde ele “descobriu” sua sexualidade, mas por ser o lugar onde ele conhece, pelo menos ao que parece, sua primeira paixão.

Em sua última noite em Moscou, vagando pelo centro, Serioja conhece um rapaz realmente bonito, “de bigodinho”, de quem ele gosta “logo de cara”, e acaba indo passar a noite em sua casa. O jovem moscovita chama-se Micha e mora em um apartamento com a irmã e o cunhado, que estavam visitando uns amigos e não voltariam naquela noite. Pela primeira vez em seu relato, Serioja fala que manteve relações sexuais com outro rapaz, além do sexo oral: “Nós fomos juntos pro banheiro, ele me lambuzou assim por trás, me fodeu”. Nesse dia, o rapaz experimenta novas sensações, como por exemplo, o desejo de “chupar” Micha – que ele, rapidamente e sem motivo aparente, sublima. Chama atenção, principalmente, o fato de o rapaz repetir, diversas vezes, que gosta de Micha e que “não tinha vontade” de se separar dele, sentimentos, até então, inéditos em seu relato, que se resume a “boquetes” anônimos em banheiros públicos. Serioja, pela primeira vez, parece, de fato, interessado em outro rapaz, alguém mais ou menos de sua idade, bonito, e que lhe desperta desejos que ele nunca antes experimentara. Infelizmente, tudo isso acontece em sua última noite em Moscou e, na manhã seguinte, ele tem de voltar a Ijiévsck.

Micha e Serioja trocam algumas cartas e combinam de se encontrar no próximo feriado, o Primeiro de Maio. Os planos dos jovens, porém, são frustrados pelo Artista do Povo, que dissuade (ou antes, impede) Serioja de voltar a Moscou, dizendo que esse tipo de relacionamento não era nada bom, que o rapaz devia “estudar e pensar só nos estudos”, e que todas essas “aventuras eram um pântano”, que tragavam as pessoas para bem fundo.

Serioja, então, escreve desmarcando o encontro e nunca mais recebe notícias de Micha. Assim termina o relacionamento dos dois.

À essa altura, surge um novo personagem, Sacha, amigo de Serioja, de quem ele já havia falado anteriormente, porém sem mencionar o nome: era com esse amigo que ele “batia punheta”. Serioja, impedido de ver Micha, escreve para Sacha, dizendo que tem muitas coisas para contar sobre sua ida a Moscou. “Enlevado” pelo relato do amigo, Sacha pede a Serioja que lhe faça tudo o que fizeram com ele em Moscou. Curiosamente, o rapaz repete com o amigo tudo que Micha fez com ele, até o “boquete”, embora muito a contragosto – e depois disso “nunca mais, com mais ninguém!”. Em seguida, Serioja afirma que Sacha é um “mimado”, que só sabe ficar em casa estudando, e que também não é lá um grande amigo. Certa vez, os dois foram juntos a uma festa e todas as garotas queriam dançar com Serioja, o que causou a ira dos demais rapazes do lugar, que começaram a ameaçá-lo para ir embora. Serioja, não querendo parecer um covarde, continuou dançando, mas Sacha ficou com medo e foi embora sozinho. Pouco depois, os “namorados” das garotas da festa arrastam Serioja para um canto e “arrebentam” com ele. Se os amigos, de fato, se conhece “na hora do aperto”, parece que Sacha não é um amigo de verdade – o que só torna mais curioso o fato de Serioja ter controlado tanto seu desejo de “chupar” Micha, por quem ele se sentia realmente atraído, e ter “chupado” Sacha, mesmo a contragosto, só para mostrar como haviam sido as coisas em Moscou.

Na terceira parte do conto, o “entrevistador” chega à cidade de Ijiévsk e torna-se o narrador da história. Em companhia de Serioja, ele visita o apartamento do Artista do Povo, que surge a seus olhos de maneira um tanto diferente: não é “nenhum velhinho”, mais assim “nem novo nem velho, formado depois da guerra”, ou seja, provavelmente recém-chegado à casa dos cinquenta anos. Também seu ateliê se mostra muito mais arejado do que o entrevistador-narrador havia imaginado. Os quadros que ele vê por ali são como os que se vê em um Palácio de Cultura, ou seja, quadros comuns, como quaisquer outros pintados por outros artistas do povo, dentro dos parâmetros estabelecidos pelas associações de artistas da União Soviética. Na opinião do narrador, seria necessário um escândalo, alguma história de difamação, que arruinasse a reputação do Artista, para que ele pudesse, então, ser considerado, verdadeiramente, um Artista do Povo.

Já Sacha apresenta-se ao narrador de forma mais parecida com aquela pintada por Serioja em seu relato: é um rapaz calado, aparentemente tímido, um “homem-dama”, como o narrador o define, um tanto ironicamente, mais adiante. O termo retoma o livro de Vassíli Rózanov (1856-1919), *As pessoas da luz da lua*, de 1911, no qual, grosso modo, o autor desenvolve a teoria da “bissexualidade universal”, isto é, a ideia de que cada um carregaria em si elementos do feminino e do masculino, porém em diferentes níveis. Seriam esses níveis que pautariam o comportamento das pessoas, tanto homens quanto mulheres, havendo aqueles que se sentem atraídos e mantêm relações com o sexo oposto, aqueles que

procuram e mantêm relações com o mesmo sexo, e aqueles que negam o sexo, entre esses, os tais “homens-damas”. Vale ressaltar que todas as variações são apresentadas pelo autor como sendo igualmente possíveis e legítimas à sua maneira³⁵.

Sacha se encaixaria, justamente, no terceiro grupo, ocupando um lugar intermediário, o de “homossexual espiritual” – um ser quase assexuado. Segundo Rózanov, esses seres representariam um fenômeno raro, porém muito natural, e teriam uma tendência natural à religião, à fé, sendo até mesmo “mártires em potencial”³⁶. Embora o termo “homem-dama” remeta a essa definição idealizada de um ser espiritualmente elevado, logo vemos que esse não é exatamente o caso de Sacha, pois ainda que o rapaz adore as hagiografias e história da Rus, claramente ele não é um ser desprovido de curiosidades e desejos sexuais – como prova seu pedido a Serioja, quando este volta de Moscou. Diferente do amigo, que “vai à caça” pelos banheiros da cidade, Sacha prefere ficar em casa, lendo, esperando alguma coisa “cair do céu” – e certamente não perderia a oportunidade quando essa “caísse em sua cabeça”. Observando o rapaz, o narrado chega a insinuar que o jovem não perdeu tempo para vir até o apartamento do Artista do Povo quando soube que ele, “um fulano de Moscou”, estaria por lá, e começa a imaginar destinos possíveis para Sacha.

O primeiro estaria ligado à Igreja: o rapaz deveria se tornar pope ou monge. Por sua natureza dócil e submissa, ele trilharia um caminho sossegado na ortodoxia, em alguns anos seria um respeitável “*bátiuchka*”, sem correr o risco de se tornar “um seminarista-herético, um Floriênski de ideias arrogantes”. Seria fácil contornar as possíveis proibições dos pais: era só dizer que a Igreja é uma instituição como qualquer outra, que lá também há trabalho a ser feito e uma hierarquia a ser respeitada, até mesmo o Secretário-Geral do Partido, Briéjnev, estava se aproximado do patriarca e dos metropolitas, um sinal inegável de sua importância para a União Soviética. Para o narrador, a própria aparência de Sacha parece indicar o caminho do sacerdócio: “olhos expressivos, sobrancelhas longas e negras, uns labiozinhos vivos”, que combinariam muito bem como uma daquelas longas barbas usadas pelos religiosos ortodoxos.

O segundo caminho possível estaria ligado ao Artista do Povo e seus “contatos”. O narrador diz que Serioja já havia falado de Sacha para o Artista, e que este ficara curioso para conhecê-lo, começando logo a dizer que iria “colocá-lo na faculdade de História”. Sacha, por sua vez, também frequentemente insinuava a Serioja que o Artista podia ajudá-lo: “por que é que você não bate uma para o Artista do Povo, ele tem tantos contatos, pode te ajudar na vida”. Assim, para o narrador, apresentar Sacha ao Artista seria unir o útil ao

³⁵ BERSHTEIN, E. “*The notion of universal bisexuality in Russian religious philosophy*”. In: ALAPURO, R.; MUSTAJOKI, A. & PESSONE, P. (orgs.). *Understanding Russianness*. Londres/ Nova Iorque: Routledge, 2012 p.211.

³⁶ RÓZANOV, V. “*Selections from People of the Moonlight*”. In: MOSS, K. (org.). *Out of the Blue: Russia's Hidden Gay Literature – an anthology*. San Francisco: Gay Sunshine Press, 1997, p.148.

agradável: “o artista tinha tanta vontade de ter um menino assim secreto, constante, que não fosse muito saidinho [como Serioja, por exemplo]. E o Sacha ficaria satisfeito em ser devoto ao velho” – que, afinal, nem era tão velho assim. Porém esse segundo caminho apresentaria alguns reveses. Primeiro ingressar na faculdade, depois no Partido, e então seria necessário arranjar uma esposa para encobrir as verdadeiras relações entre Sacha e o Artista, para que tudo ficasse bem arranjado “ao gosto medíocre de um Artista do Povo”.

Pesando bem em cada alternativa, o narrador conclui: “Não há necessidade que Serioja os apresente! Deixe que vá para igreja. E nós colocamos no mapa da URSS uma cruzinha, marcando o lugar onde está servindo um jovem popezinho, conhecido nosso”. Pelo menos em um monastério, Sacha poderia desfrutar da companhia de outros como ele e continuar seus estudos (talvez nem tão aprofundados assim) sobre a vida dos santos. Nesse último trecho, podemos apontar um possível jogo de palavras: em russo, “popezinho” (“*pópik*”) remete, me sua sonoridade, à palavra “bumbumzinho” (“*pópka*”), acentuando ainda mais a ironia do texto.

Neste conto, Kharitónov nos apresenta três vivências possíveis da homossexualidade na União Soviética de sua época: a primeira é a de Serioja, um rapaz jovem e bonito, para quem até os colegas da moradia estudantil “dão trela inconscientemente”, e que vaga pela cidade à procura de parceiros, encontrando, eventualmente, alguém por quem se interessa de fato; a segunda é a do Artista do Povo, um homem já maduro que precisa lançar mão de subterfúgios e, possivelmente, chantagens, para se aproximar de outros de outros homens, ao que parece sempre mais jovens; e a terceira é a de Sacha, um rapaz curioso e desejoso, porém tímido, que pode encontrar em um monastério a tranquilidade e as experiências que tanto procura.

O texto, ao tratar das experiências sexuais das personagens de maneira direta e lançar mão abundantemente de palavras de baixo-calão, choca, em um primeiro momento, o leitor, que pouco a pouco vai se acostumando ao tom coloquial e “obsceno” da narrativa. Além de chocante, o conto também é, claramente, irônico, debochando tanto das personagens quanto das próprias instituições soviéticas, como a Igreja, cujos mosteiros são pintados quase como um pacato refúgio para jovens homossexuais, e o próprio Estado, personificado no Artista do Povo, um personagem que não tem nome próprio, sendo identificado apenas por sua condecoração e título oficiais, e que tem uma vida “medíocre”, sempre preocupado em manter as aparências e temendo ser “descoberto” a qualquer momento.

Apesar de toda essa ironia, o conto ainda assim parece mostrar como a vivência do homossexual soviético era restrita e corria sempre o risco de ser podada. Nesse sentido, o episódio em que Serioja conhece Micha, em Moscou, parece deixar bem claro que não há possibilidade para dois rapazes viverem um “romance” na URSS. De volta a Ijievsk, o Artista do Povo impede que Serioja retorne à capital e dê continuidade a um possível

relacionamento. Chama atenção que parta justamente desse homem sem nome, cuja identidade é apenas um título honorífico do regime, a proibição da continuidade das relações amorosas entre os dois rapazes e, nesse sentido, é como se o Artista desse vida e voz ao discurso oficial soviética, que condenava a homossexualidade masculina. Ao impedir que Serioja veja Micha novamente, ele impõe a ordem das coisas: ou bem se tem uma “relação” com alguém mais velho, que pode “te ajudar na vida” com seus “contatos”, ou nada. É claro, sempre é possível ir para o monastério ou ficar vagando pelos banheiros e bibocas da cidade, sem se comprometer. Mas trocar cartas com outro rapaz, marcar encontros e passar as noites juntos, isso está fora de cogitação.

O conto “História de um garoto”, então, apresenta ao leitor uma experiência de leitura ímpar, tanto por seu estilo direto quanto pela temática incomum à literatura soviética. Afora isso, o texto, bem como a obra de Kharitónov como um todo, suscita reflexões a respeito do homossexual masculino e até mesmo da homossexualidade, constituindo-se como uma das raras representações literárias desse tipo de personagem e suas vivências na União Soviética.

Referências bibliográficas

BERSHTEIN, Evgenii. The notion of universal bisexuality in Russian religious philosophy. Portland, Oregon, 2011. In: ALAPURO, R.; MUSTAJOKI, A. & PESSONE, P. (orgs.).

Understanding Russianness. Londres/ Nova Iorque: Routledge, 2012, pp. 210-231.

Disponível em:

http://www.reed.edu/russian/assets/docs/Bershtein_Universal_Bisexuality.pdf Acesso em 01 maio 2016.

GESSEN, Masha. **Права гомосексуалов и лесбиянок в Российской Федерации** [Os direitos dos homossexuais e lésbicas na Federação Russa]. San Francisco: MGPCHGL, 1994.

JESUS, Diego Santos Vieira de. O camarada de um amor sem nome: Medo e desejo na União Soviética (1917-1934). **Revista de História Comparada**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, p. 70-91, 2010. Disponível em:

<https://revistas.ufrj.br/index.php/RevistaHistoriaComparada/article/view/87/81>.

Acesso em 22 nov. 2018.

KARLINSKY, Simon. Russia's Gay Literature and Culture: The Impact of the October Revolution. In: CHAUNCEY, G.; DUBERMAN, M. & VICINUS, M. **Hidden from History. Reclaiming the Gay and Lesbian Past.** New York: New American Library, 1989, pp. 348-364. Disponível em:

http://www.williamapercy.com/wiki/images/Russia's_Gay_Literature.pdf Acesso em 22 nov. 2018.

KHARITÓNOV, Evguéni. **Под домашним арестом** [Em prisão domiciliar]. 2º edição. Moscou: Glagol, 2005.

MOGÚTIN, Iaroslav (org.). **Слѣзы на цветах** [O pranto nas flores]. Moscou: Glagol, 1993. 2 v.

MOSS, Kevin. **Out of the Blue: Russia's Hidden Gay Literature - an Anthology**. San Francisco: Gay Sunshine Press, 1997.

SCHNAIDERMAN, Bóris. **Os escombros e o mito**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

Obras de consulta

AULETE. **Dicionário de português**. Disponível em: <http://www.aulete.com.br/index.php>
Acesso em 22 nov. 2018.

VOLKOVA, Natália *et al.* **Dicionário russo-português**. 2ª edição corrigida e aumentada. Moscou: Russki iazyk, 1989.

***Abstract:** This article presents the first translation into Brazilian Portuguese of the short story "One Boy's Story: How I Got Like That", by Yevgeny Vladimirovich Kharitonov (1941-1981). This work is part of the book Under House Arrest (2005). The translation is followed by an introduction regarding the writer and a brief analysis of the plot. Written, probably in the late 1970s, the text draws attention to treating male homosexuality openly at a time when the Soviet Union's criminal code still provided for the arrest of men who had sex with men.*

***Key-words:** Soviet literature; homoerotic literature; Kharitonov.*